

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PRÁTICA EDUCACIONAL PESQUISA E EXTENSÃO VIII

A MEDIAÇÃO DOS CONFLITOS E VIOLÊNCIA DENTRO DA SALA DE AULA

RECIFE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FABIANA MARIA DE ANDRADE FERREIRA
LUCIENE GONÇALVES DUMAS NASCIMENTO

A MEDIAÇÃO DOS CONFLITOS E VIOLÊNCIA DENTRO DA SALA DE AULA

Este trabalho realizado pelas alunas Fabiana Maria e Luciene Dumas será entregue a prof.^a Dr.^a Hulda Stadtler, ministrante da disciplina Prática Educacional Pesquisa e Extensão VII, como forma de avaliação.

RECIFE

2015

1. Introdução

Embora a escola traga uma ideia de ser um lugar de formação educacional, construção de conhecimento, formação profissional e construção da cidadania, também é um lugar onde ocorrem experiências de conflitos e violência. Atualmente o número de reportagens relatando situações de violência nas escolas tem crescido bastante, os relatos são diversos, de violência verbal, psicológica e física, situações de agressões entre os alunos e também entre professores e alunos. Segundo Cubas, “independentemente das definições e abordagens adotadas, os autores Charlot e Debarbieux alertam que a constante presença da violência no ambiente escolar coloca em xeque a função primordial da escola.” (2006 p.26).

Historicamente a violência física tem sido atribuída ao gênero masculino. Contudo, a mídia televisiva e impressa tem relatado um número de brigas violentas com chutes e pontapés entre as meninas, como vimos recentemente em uma das escolas públicas de Sorocaba, interior de São Paulo, em que uma menina foi espancada sem que houvesse nenhuma intervenção por parte dos funcionários da escola, tendo ela um apoio após perceberem que a vítima havia desmaiado.

Esse trabalho teve interesse em apresentar reflexões a partir de uma experiência em uma escola pública situada num bairro de classe média no Recife na qual os estudantes, em sua grande maioria, não residem na localidade e sim em comunidades circunvizinhas. Pudemos observar que em momentos recreativos, sendo as brincadeiras do tipo pega-pega ou esconde-esconde, eram carregadas de condutas violentas como chutes, socos e empurrões, chamando a atenção o fato de que algumas meninas batiam com mais frequência que os meninos. Essas brincadeiras serão melhor descritas na apresentação de dados. Também observamos a mediação realizada por educadores durante as atitudes de agressividade e violência.

Portanto, esse trabalho se justifica pelas variadas formas que a violência vem tomando nas escolas, pelas possibilidades de compreendermos que eles refletem as vivências da comunidade trazidas para a sala de aula e também com intenção de contribuir com a formação do profissional de pedagogia para que ele possa minimizar essas experiências que são traumáticas e que desvirtuam o processo de ensino aprendizagem.

2. Referencial teórico

A violência é um dos comportamentos existente entre seres humanos, guiados por desejos e vontades que causa dano a outras pessoas, a outro ser vivo ou objetos e que traz constrangimento físico e moral. Diferentemente do bullying que é uma violência programada e contínua com a intenção de atingir uma pessoa, a agressão e a violência ocorrem de forma espontânea e pontual, tratando-se então de uma temática complexa e que requer uma compreensão mais profunda para entender as diferentes situações em que se exprimem em ambiente escolar.

A ocorrência de violência nas escolas é um fenômeno que tem se intensificado recentemente e se tornado um grave problema social, com diversas situações envolvendo agressões verbais, simbólicas, físicas e até homicidas. Segundo Cubas, “a violência escolar tem suas raízes na violência do bairro, na família, na escassez e na pobreza”. (2006 p.35). Nesse sentido a escola torna-se bastante vulnerável a esses fatores externos, como a precariedade e privações de vida das famílias que moram em comunidades pobres e que muitas vezes as crianças são negativamente afetadas pela exclusão, são trazidas e depositadas no ambiente escolar junto com toda sua história de vida e os modos como criam estratégias de sobrevivência familiar e comunitária, ou seja, as atitudes dos pais e vizinhos frente à adversidade, à forma de criação, a educação e a influência da comunidade, são elementos que corroboram no desenvolvimento da criança e conseqüentemente influenciam na reprodução desses comportamentos na escola. Conforme defende CRUZ, (2001 p.3)

Violência é um artefato da cultura e não seu artífice é uma particularidade do viver social, um tipo de negociação, que através do emprego da força ou da agressividade visa encontrar soluções para conflitos que não se deixam resolver pelo diálogo e pela cooperação

Diante de um amplo panorama de violência, destacamos uma que colabora de forma muito significativa no comportamento das crianças. Estamos nos referindo à carência de afeto sofrida pelos pequenos das comunidades desprivilegiadas, com a falta de cuidado, de creches especializadas em educação infantil, com crianças crescendo no abandono e negligência por parte dos pais e outros adultos, sem referência que possibilite a vivência de princípios éticos e morais. Segundo Silva (2004), a carência afetiva, a falta de cidadania e modelos positivos contribui para a formação de um caráter

violento, fazendo com que a criança recorra à violência com o intuito de chamar a atenção.

Diariamente convivemos com várias formas de violência, quer sejam visíveis (físicas, verbais e etc.) ou simbólicas (rejeição, intimidações, desrespeito e etc.) variando as suas formas e o grau de ações violentas, perceptíveis na sociedade em geral. Nesta perspectiva, é necessário conhecermos alguns tipos e formas de violência, nas quais destacamos a violência original, institucionalizada, familiar e doméstica que se apresentam de forma física e psicológica. Na sua forma original, é a violência que se dá por agressões físicas, ou seja, praticadas por indivíduo ou grupo, contra indivíduo ou grupo e que tem por objetivo causar dano, dor ou sofrimento. Segundo Souza “...Essa violência está presente em todas as classes sociais [...] é um fenômeno que se apresenta como intrínseco ao ser humano que, na luta cotidiana, gera relações de violência” (2008, p. 122).

A violência institucionalizada se dá dentro das instituições familiares, religiosas, escolares, de trabalho etc. Sendo imposta por um grupo sobre outro. A violência nas instituições escolares também ocorre no momento em que a escola deixa a sua função social para ser um espaço de reprodução das relações e hierarquia social, reproduzindo valores e padrões de comportamentos dos grupos dominantes. Souza diz que “a escola socializa o indivíduo de maneira repressivo-coercitiva, reprimindo determinadas ideias e comportamentos, tornando-se violenta” (2008, p. 123).

A violência institucional escolar se destaca por duas vertentes: a violência disciplinar e a cultural (simbólica). Segundo Viana, “[...] a violência disciplinar prepara o indivíduo para atuar em qualquer outra instituição disciplinar [utilizando-se] da metodologia de vigilância hierárquica, sanção normatizadora e do exame” (2002, p. 120-122). Já a violência cultural se dá uma vez que a criança vive em sociedade e a partir dessa vivência adquire uma cultura. Nesse sentido, entendemos que a violência cultural é caracterizada na relação onde certo grupo impõe a outro grupo ideias e valores culturais como mais *corretos*. Moreira argumenta que “[...] a agressão simbólica é aquela imposta pela sociedade dominante e que faz com que o indivíduo menos privilegiado, aceite como natural a dominação” (2008, p.301). É o caso da violência de gênero, onde um exerce por determinação social o poder sobre o outro.

Esse tipo de violência ocorre na escola levando em consideração que ela exerce a função de reproduzir ideias e normas sociais da classe dominante e que se fundamentam na autoridade, utilizando-se de conteúdo, programas e avaliações. A

imposição da violência cultural, como informa Souza, “está presente nas grades curriculares, programas, livros, textos adotados, bem como no discurso da burocracia e dos membros do corpo docente”(2008, p. 124apud Viana).

Já as agressividades reproduzidas pelos alunos (físicas, verbais, bullyingsetc.) dentro do espaço escolar poderão estar relacionadas ao que eles presenciam ou convivem no ambiente familiar ou comunitário, pela degradação ou desestrutura familiar por situações e instrumentos que remetam à violência. Segundo Souza, “as crianças se espelham em tipos e modelos e na sociedade atual, através da imprensa escrita, falada, televisada e da internet”(2008, p. 127). Supomos que se a *família agressiva* é punida por sua comunidade, a tendência seria a não reprodução em outros ambientes dessa agressividade como forma de evitar a punição social, contudo se a violência é o *modo operante* na localidade de residência, e que resulta em garantia da sobrevivência do grupo familiar (como no caso do tráfico), a tendência é sua reprodução em outros espaços de convívio social.

A violência escolar é uma forma de indisciplina e é considerada como uma grande problemática no relacionamento interpessoal na sala de aula. Segundo Garcia “as incivildades são rupturas das regras e expectativas tácitas de convivência, dos pactos sociais que perpassam as relações humanas e cujo sentido muitas vezes supomos seja de domínio público desde infância” (2006, p. 126). Assim sendo, a violência precisa ser problematizada para a criação de práticas mais eficazes no convívio social para que haja a minimização, e até mesmo, a resolução desse problema, resultando para o/a professor/aa atribuição de rever seus planejamentos dentro do currículo tornando-os mais atrativos, atendendo assim as expectativas dos alunos/as, proporcionando diálogos e reflexões. Assim, corroborando com o pensamento de Garcia de que “a indisciplina pode ser considerada como um modo de avaliar os professores e o currículo” (2007.p. 725)propusemos-nos a analisar as condutas escolares violentas nessa perspectiva.

Nesse contexto,sugerimos que o/a professor/a entre com uma série de responsabilidades, primeiramente, auto avaliando-see tomando consciência do seu exercício e ou compromisso,reconhecendo seus erros e tomando posições. O que será observado nas entrevistas. Para tanto, o/a professor/a precisa valorizar o/a aluno/a enquanto ser humano, dotado de desejos e anseios, bem como também demonstrar firmeza diante de certas situações.Apontamos, como Garcia (2006), que o despreparo psicopedagógico de muitos educadores é responsável pelos muitos desequilíbrios comportamentais em sala de aula.

Faz-se necessário que o/a professor/a crie regras juntamente com os alunos partindo das necessidades da relação com a turma. Lopes (2005) vem dizendo que para os alunos é mais fácil seguir regras que foram criadas com a colaboração deles que aquelas impostas sem reflexão. O respeito precisa ser mútuo, assim, ao surgirem as situações de violência, cabe ao professor/a problematizar, levando os alunos a refletir sobre suas ações proporcionando assim o diálogo que é fundamental para superação da indisciplina. De acordo com Garcia, o ambiente deve ser verdadeiramente humano, no sentido de construir um espaço democrático onde se cultiva o diálogo e a afetividade humana, em que se pratica a observação e garantia dos direitos humanos (1999, p. 106).

Faz-se necessário que educadores/as desenvolvam uma proposta adequada de trabalho de forma que contemple as reais necessidades das relações entre as/os alunas/os, propiciando situações contextualizadas, por mediação democrática que desperte o interesse e a participação.

Entender a violência é considerar alguns aspectos importantes como a relação do/a professor/a com o/a aluno/a, percebendo a criança como um ser ativo, afetivo, cognitivo e subjetivo e não apenas como um ser fragmentado. Nesta perspectiva, a escola possibilita à criança se relacionar com diversos grupos, de modo diversificado e de interesses variados, pois é nessa amplitude de relações que a criança desenvolve suas construções representativas. Moscovici diz que “os processos de influência emergem nos intercâmbios comunicativos entre as pessoas [...] é através dos intercâmbios comunicativos que as representações sociais são estruturadas e transformadas” (2007, p.28). Nesse sentido o/a educador/a é visto pela criança como uma representação social, e, dependendo dessa relação, caso a mesma não seja respeitosa, dialogada e reflexiva certamente acarretará situações entendidas como de disputa de poder, e, como diz Albuquerque e Machado, “as representações tem forte vínculo com as ações humanas e dão sentido aos comportamentos” (2011, p.60).

A partir dessa constatação, observamos professores(as) para identificar se as práticas adotadas em sala frente aos comportamentos agressivos e violentos estão ou não contribuindo para redução desses conflitos. As observações indicam que muitas vezes a questão de hierarquia e autoritarismo vem sendo elemento de contribuição às relações agressivas existentes no ambiente escolar. Dessa forma, criamos a hipótese de que a indisciplina pode ser considerada como um termômetro da relação entre professor/a e aluno/a.

Na visão de Placco, “é por meio das relações com os alunos que os professores expressam seu conhecimento e seu compromisso com o desenvolvimento social, cognitivo e emocional, possibilitando um espaço para o desenvolvimento de todos” (2002 p.15).É importante ressaltar que os professores em seu dia a dia têm baseado as suas relações em função de seus valores, crenças e expectativas, assim, nem sempre os mesmos são calmos, demonstram preconceitos, favoritismo ou apatia de forma bem evidente.

Trazendo a discussão para a prática pedagógica, é relevante considerar a rotina como um aspecto necessário em sala de aula, mantendo-a por meio de regras e da organização diária decidida de modo partilhado, pois ,segundo Boarini “a disciplina é um exercício diário que ocorre no cotidiano da sala de aula” (2013, p. 129). Assim, é papel do/a professor/a realizar esse exercício diariamente garantindo com isso um bom funcionamento e comprometimento da dinâmica estabelecida.

Metodologia

Em nosso caso, observamos como sendo dado de realidade, que as variadas formas de manifestação de agressividade e violência estão relacionadas ao descaso dos/as professor no planejamento. Nosso principal ponto de observação foi o/a educador/a como mediador/a da redução de conflitos e violência dentro da sala de aula. Para tanto, propomos como objetivo geral investigar se as práticas pedagógicas dentro da sala de aula favoreciam na mediação de conflitos e no combate aos comportamentos agressivos.Como objetivos específicos norteadores dessa investigação, propomos:

1. Conceituar, através da observação e da bibliografiarevisada, formas de violência.
2. Destacar algumas das práticas pedagógicas empregadas nesse contexto.
3. Levantar no ambiente escolar em estudo episódios que retratem manifestações de violência.
4. Relacionar as práticas pedagógicas com esses episódios de agressividade e conflitos em sala de aula, objetivando aquelas que reduzem essas manifestações.
5. Inter-relacionar esses episódios em ambiente escolar com as experiências dos/as alunos/as em suas residências (ambiente familiar e/ou comunidade) destacandopor gênero.
6. Apresentar resultados para as práticas pedagógicas positivas no combate as agressões e conflitos dentro da sala de aula.

Nossa pesquisa foi iniciada no ano de 2013, numa escola do município de Recife. Ao iniciarmos as observações estávamos atentas a todos os movimentos ocorridos no ambiente: recreio e merenda, sala de aula, entrada e saída dos estudantes etc., pois a fase exploratória foi fundamentalmente importante para a definição do objeto focal. Embasando a nossa orientação Minayo diz que “...A fase exploratória de uma pesquisa é, sem dúvida um dos momentos mais importantes.” (1992, p. 31) Sendo o contexto escolar uma mini reprodução da sociedade, a ausência de foco não levaria a nenhum objetivo específico.

O trabalho de campo envolveu um período de um ano de observação direta, numa turma de 5º ano, gerando também outras formas de coleta de dados como entrevistas com as professoras e os/as alunos/as e questionário com duas professoras. Tais instrumentos foram utilizados com o intuito de coletar informações que nos ajudassem entender a origem da violência na escola, as concepções que as/os entrevistadas/ostêm em relação ao tema, como aquelas crianças vivem em suas comunidades, suas ações na comunidade versus ado ambiente escolar.

Faremos aqui uma breve consideração sobre a questão de gênero porque essa se nos interpelou durante o trabalho de campo e não esteve em nosso projeto inicial. Trabalhar com diferenças de gênero implicou que estaríamos lidando com a construção social relacionada a características comportamentais advindas de cada sexo. Percebemos que os conflitos gerados implicavam em oposição e luta. Cruz diz que “...Conflito é a manifestação de interesses e/ou contrários, em que um dos lados procura superar a resistência do outro lado visando à realização do seu interesse”(2001, p.1). Nesse jogo de interesses disputas pessoais e o clima provocativo são fontes de prazer, mesmo sendo acompanhados de dor e desprazer de quem sofre a provocação. Ainda segundo a autora, “O que provoca foge e o que é provocado corre atrás, produzindo um clima de disputa” (2001, p.10).

Análise de Dados

Durante as observações exploratórias, a presença de indisciplina com agressividade se destacou em vários contextos, tanto em sala de aula quanto fora dela. Embora que com características diferentes, enquanto na sala de aula as agressões aconteciam a partir de um empurrão de banca, xingamentos, bolinha de papel, gritos entre outros, no recreio a violência se dava para além disto, partindo para agressões

físicas como socos, pontapés, empurrões, seguidas de escoriações, choro, risos, zombaria e brincadeiras.

Diante dos fatos que relataremos abaixo, o estereótipo de que meninas precisam ser protegidas e defendidas dos meninos, os quais são agressivos e indisciplinados, nos despertou a atenção. Os discursos e padrões que normatizam na sociedade que meninas são quietas, educadas, organizadas e boazinhas não condiziam com o comportamento e os papéis desempenhados pelas meninas observadas, que batiam e agrediam verbalmente até a dominação.

Certavez ao descermos para o intervalo, observamos que os meninos começaram a correr e se esconder, enquanto as meninas em grupo de oito corriam a escola toda atrás de pegar um. Quando um dos meninos era encontrado apanhava de todas e mesmo em meio a esse espancamento os meninos sorriam mesclando um sarcasmo numa brincadeira, numa mistura de dor e prazer. Apesar das brincadeiras serem pega-pega, de esconde-esconde, futebol e etc. sempre terminava em pancadaria, e notávamos que as meninas eram bem mais violentas que os meninos.

Observamos então que durante os intervalos um grupo de meninas organizava uma espécie de jogo. Elas se reuniam numa sala para combinar quem seria o primeiro menino a ser perseguido e trancafiado. Por sua vez, ao saírem para o recreio os meninos automaticamente sabiam que a brincadeira já havia começado e iniciava a correria. A “chefa” e coordenadora da brincadeira permanecia numa sala aguardando que as outras capturassem os meninos, um por vez, para que nessa mesma sala ela pudesse baterneles junto com as demais participantes. Assim enquanto elas se divertiam batendo e xingando, ao saírem da sala, alguns meninos revelavam que doía e até choravam, mas que tudo era brincadeira, como se aceitassem *orito de passagem*.

Em nosso caso, o que nos chamou a atenção durante as observações do recreio foi a violência expressa e sua relação forte com a questão de gênero. Durante o recreio, meninos e meninas pareciam formar dois times de combate, ficando clara a disputa de poder na perspectiva de manter o controle sobre o outro grupo. As meninas pareciam reproduzir um padrão estereotipado do comportamento masculino, utilizando as mesmas táticas que, eventualmente, são usadas por eles, ou seja, se impor pela força através de agressões planejadas como numa guerra, onde as meninas buscavam impor suas regras de dominação.

As primeiras observações realizadas com o olhar voltado para a indisciplina se deram durante o recreio, porém observamos que o início dessas disputas de poder se estruturavam antes do intervalo, na própria sala de aula. Percebemos que já na sala dois grupos eram formados por meninos e meninas. Dois alunos mais ousados costumavam provocar as meninas com xingamentos do tipo *sapatão, bruxa, vaca, piolhenta* etc. e, em represália, as meninas empurravam suas bancas, davam tapas em suas cabeças, jogavam bolinha de papel, ou os xingavam de *frango safado* ou vários outros palavrões.

Certo dia na sala de aula, e como sempre, os meninos começaram a falar mal de algumas meninas o que tomou uma proporção maior e começaram os empurrões e agressões verbais. Observamos que durante o conflito a professora não intermediou de modo a percebermos sua tranquilidade, mas, aos gritos, mandou que se sentassem e calassem a boca. A aula prosseguiu entre gritos e ameaças de serem colocados para fora da sala. À hora do intervalo descemos por conta da confusão na sala de aula, as meninas estavam furiosas e começaram a perseguir os meninos, um de cada vez e levavam para uma sala vazia onde oitenta delas juntas batiam cada um que aprisionavam.

Resolvemos comunicar a secretária da escola os fatos e a mesma nos respondeu que: *os alunos estavam apenas brincando*. Abordamos um aluno que tinha acabado de apanhar das meninas e perguntamos: Por que você apanhou das meninas? E nos respondeu: *“apanho muito, dói, choro, depois passa é só brincadeira tia”*. E assim essa brincadeira continuava todos os intervalos. Mesmo nos jogos de futebol, outras dinâmicas foram observadas entre eles. Citamos momentos em que quando os meninos iam tomar a bola e chutavam as meninas, elas automaticamente começavam a xingá-los e em grupo corriam para bater nos infratores. Isso nos levou a concluir que, independentemente da brincadeira as meninas buscavam o total domínio sobre o comportamento dos meninos.

Em busca de explicação plausível nos deparamos com Cruz (2001. P.6) que diz que “Brincar e bater expressa um significado muito parecido nas relações de gênero entre as crianças”, assim o que parece que observamos foi à violência como sendo uma forma de brincadeira no intuito de praticar a aproximação, embora viabilizada pela agressividade e por possíveis soluções de problemas de poder e gênero entre futuros adultos. Estaria aqui a origem da inversão dessa violência? Portanto, os/as alunos/as não são moldados pelo presente discurso de gênero, pela concepção do que é próprio do

comportamento de meninas e meninos que estão presentes no ambiente escolar e que influenciará na formação de identidade dos alunos/as.

Em outro dia de nossas visitas presenciamos outras cenas de violência, nas quais os meninos se escondiam e as meninas procuravam. Enquanto três delas procuravam os meninos, as outras cinco ficavam agitadas e eufóricas aguardando na sala vazia a chegada das vítimas para apanhar. Neste dia dois meninos choraram. Em busca de respostas conversamos em seguida com a menina líder do grupo, a qual consideramos como a mais violenta, e questionamos porque ela gostava de bater nos meninos. Ela nos respondeu: “*eu apanho muito do meu pai, por isso quando brinco eu adoro bater pra valer nesses meninos safados*”. Numa revelação surpreendente das relações entre crianças e adultos, família e violência e futuras relações de poder e gênero.

Geralmente no ambiente escolar presenciamos a realidade das relações sociais através das ações dos/as alunos/as. Um reflexo das expressões vivenciadas pelos/as alunos/as como desrespeito, intolerância, falta de diálogo e dominação. No exemplo acima identificamos várias questões que levam a violência para o âmbito escolar e dentre elas podemos destacar o convívio familiar, que através dos relatos nos aponta fatores externos que contribuem para a reprodução da violência no ambiente escolar.

Iniciamos um período de entrevistas com duas meninas e um menino envolvidos na brincadeira, tentando estabelecer um perfil das relações fora da escola a partir de uma pergunta simples: com quem moravam? Os três relataram a separação dos pais e a chegada de agregados no ambiente familiar, levando-nos a perceber a contínua ausência de estruturação: uma aluna respondeu que mora só com a mãe; a segunda mora só com o pai, pois sua mãe foi embora com outro homem; e o aluno que foi morar com sua avó, pois com a chegada do padrasto tudo mudou, a mãe batia demais nele. Todos disseram que apanhavam muito dos seus pais: “*Meu pai é bastante violento e me bate por qualquer motivo e apanho de cipó, mangueira, fio ou chinelo, acho que ele tem raiva de mim porque pareço com minha mãe*” (líder das meninas). Já a outra componente do grupo disse: “*não gosto da minha mãe, ela me bate muito, é uma vaca e eu sou igualzinha a ela*”. Outra aluna disse: “*Depois que minha mãe se juntou com meu padrasto eu apanho por tudo*”.

Embora o ECA (1990, art. 18, p. 22) afirme que “...É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”, é nítido que são relações de violência ocorridas no meio familiar que refletem nas interações das crianças dentro

da escola, reproduzindo as ações e imposições dos adultos pelo uso da violência verbal, física e psicológica.

Outros fatores advêm das relações que as crianças têm vivenciado na comunidade que residem. Durante as entrevistas questionamos se a comunidade em que vivem é calma ou violenta e como resposta obtivemos de todos/as que se trata de um local bastante violento. Convivem diariamente com o tráfico de drogas, assassinatos, brigas e conflitos entre os/as vizinhos.

Ao perguntarmos o que seria violência para eles/as, todos responderam basicamente a mesma coisa, associando violência com bater, xingar, brigar, maltratar os outro e até matar. Questionamos então o porquê de gostarem tanto da brincadeira de bater uns nos outros na escola. A líder das meninas respondeu: *“eu apanho muito do meu pai, por isso quando brinco eu adoro bater pra valer nesses meninos safados”*. A outra aluna disse: *“bato nos meninos pra que aprendam a ser homem e não ser frango, porque se não vão apanhar da policia”*. Uma espécie de treinamento para o futuro! Já o menino não costuma bater nas meninas, costuma fugir para não apanhar, mas respondeu, *“se provocar muito bato nelas também”*.

Sendo o nosso principal objetivo compreender como a didática do/as educadores pode contribuir com a construção de uma cidadania mais pacífica, passamos a questionar qual seria o papel das duas professoras (a partir daqui denominadas de A e B) nessa dinâmica de violência já estabelecida. Tornou-se importante compreender se as educadoras refletiam profundamente sobre o que estava ocorrendo em sala e nos intervalos, se consideravam que tinham algo a fazer na promoção de cidadãos menos agressivos em busca de solução para seus conflitos, ou suas perspectivas sociais.

Ao questionarmos quais os tipos de violência mais frequentes em sala de aula, ambas responderam que o tipo de violência mais frequente é a violência verbal, seguida, com menos intensidade, pela violência física. Em relação aos fatores responsáveis pela violência em sala elas responderam que consideram a carência afetiva dos/as alunos/as, a falta de orientação dos pais no sentido de orientar pela vida, cuidado, ensinamentos e o número excessivo de alunos em sala como os principais agravantes. Ao questionarmos se haviam sofrido violência por parte dos alunos e quais, elas relataram ter sofrido violência de forma verbal, deixando clara a indignação em relação à falta de respeito e reconhecimento desse profissional atualmente.

A partir das respostas recebidas na entrevista solicitamos às professoras que respondessem um questionário, apresentando as seguintes perguntas:

Qual a sua concepção de violência? Professora A relatou que a “*violência é qualquer ato praticado com a intenção de prejudicar o outro*”. E a professora B “*Que violência é todo tipo de comportamento que venha causar danos a qualquer ser vivo ou objeto*”.

Questionamos também qual o fator que mais auxilia para minimizar a violência em sala de aula? Professora A disse: “*Observar e aconselhar indicando sempre a forma certa que devem agir, ou seja, uma orientação constante*”. E a professora B destacou que: “*A parceria com a família participando de forma mais efetiva no ambiente escolar*”.

Ao vivenciar uma situação de violência qual a sua reação? A professora A disse: “*Procuro dialogar com o aluno pontuando que a ação do aluno está incorreta, sugerindo ações que levem a paz*” enquanto a professora B diz que: “*Tentar conversar, buscando apaziguar de alguma forma*”.

Que sugestões você daria para contribuir com a redução da problemática da violência na escola? – Professora A “*A participação dos pais na vida escolar do seu filho, é muito importante para sabermos como é sua vida fora da escola e assim entender tal comportamento e buscar ajuda-lo*”. E a professora B relatou que: “*Um trabalho cooperativo é importante com a participação dos pais, alunos e comunidade*”.

As professoras enfatizaram que a parceria escola/família/comunidade é de fundamental importância no auxílio da resolução de violência escolar, no entanto não se percebe outras ações pedagógicas e nem mesmo o diálogo. Alguns fatores externos como a estrutura familiar dos alunos (características sociais) e a violência na comunidade são as variantes da violência e não se detém a fatos isolados, mas engloba a esses fatores que antecedem a vida do/a aluno/a.

Diante do nosso olhar dirigido para a problemática da violência entre os alunos, percebemos que as professoras através de suas falas tendem a transferir a culpa unicamente para os pais. Já nas ações, visualizamos a não mediação, a forma de tratar tudo como brincadeira de criança, a falta de diálogo, gritos e ameaças com a intenção de manter a ordem, nos levaram a perceber atitudes de negação a violência explícita apresentada pelas crianças em vários momentos no ambiente de sala de aula e no recreio.

Compreendemos que não é função da escola nem mesmo do professor assumir um papel que é dos pais, de educar, cuidar, proteger e orientar, mas sim de ajudar os pais fazendo a escolarização incluindo projetos, ações pedagógicas que possam incentivar o diálogo e a participação dos pais nesse processo, ou seja, apenas dizer que as salas são muito cheias e que os pais não participam da vida escolar da criança, não basta.

Entendemos o quanto é difícil agir diante dessa problemática tão complexa, pois mesmo as professoras tendo um certo tempo de experiência de sala de aula e pela nossa vivência enquanto acadêmicas no curso de Licenciatura em Pedagogia supomos que as mesmas não tiveram formação que as preparassem para resolver ou, pelo menos, minimizar tal problemática, mesmo porque atualmente são ofertadas disciplinas de práticas e metodologias nos cursos, mas em nenhum momento abordam a questão de como lidar com a violência, ações que se poderia realizar, ou qualquer outra informação que pudesse orientar as nós enquanto docentes nesse sentido, não queremos dizer com isso que existam receitas prontas para serem aplicadas, mas que debates e discussão sobre a temática pode sim nortear as ações dos profissionais.

Considerações finais

A função da escola historicamente é de formar o cidadão crítico, autônomo e reflexivo, porém, desde os anos 90 tem enfrentado dificuldades provenientes da desorganização social, que se expressa nos fenômenos exteriores à escola. Fenômenos como a desestruturação familiar, a falta de acompanhamento por parte da família e a violência em casa e na comunidade foram apresentados como as razões das expressões de violência de gênero observadas no contexto escolar.

A violência observada é um grande obstáculo para os educadores e a sua dificuldade de oferecer didática adequada que minimize as manifestações de violências e indisciplina escolar causando prejuízo aos processos de aprendizagem. Por ser uma temática complexa, a metodologia e a formação docente em sala torna-se inadequada para um mínimo de atenção e concentração exigida ao processo de aprendizagem. A ausência de domínio de sala reduz as aquisições de conhecimento e eleva o número de expressões indicadoras da falta de comportamento cidadão. Em outras palavras, as relações humanas são prejudicadas e a reprodução da violência de gênero é conduzida até a idade adulta.

Referências:

ALBUQUERQUE, E. R.; MACHADAO, L B. Representações sociais de inclusão entre professores de escolas públicas. In. MAGALHÃES, R.C.B.P. (Org.) **Educação inclusiva: escolarização, política e formação docente**. 1. Ed. Brasília. Liber livro, 2011.

BOARINI, M. L. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Psicol. Est. Educ.** [online]. Vol. 17, n.1, p. 123-131. 2013.

BRASIL, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Estatuto da Criança e do Adolescente. 4ª ed / Fórum Nacional. DCA, Brasília: FNDA; CONANDA; SDH, 2011.

CRUZ, Tania Mara. **Relação de gênero, conflito e violência nas series iniciais**. Santa Catarina, 2001. Site: www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt14.

LOPES, Áurea. Disciplina: é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar. **Revista Nova Escola**, 2005, nº 183:44-49, junho/julho de 2005.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 11º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MOSCOVICI, S. **A representações sociais: investigações em Psicologia Social**. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2007.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Relações interpessoais em sala de aula e desenvolvimento pessoal de aluno e professor. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (orgs). **As relações interpessoais na formação de professores**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GARCIA, J. Currículo e questões de indisciplina. Universidade Católica do Paraná. Curitiba. EDUCERE. 2007.

GARCIA, Joe. Indisciplina na Escola: Uma reflexão sobre a dimensão preventiva. Revista Paranaense de Desenvolvimento, nº 95:106. 1999

RUOTTI, C., ALVES R., CUBAS, V. O. **Violência na escola**: um guia para pais e professores– São Paulo: Andhep, 2006.

SOUZA, Miranda Rodrigues. **Violência nas escolas: causas e consequências**. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação – Ano 2, nº 2. Aparecida de Goiana, 2008.

MOREIRA, Bernadete S. **A linguagem corporal**: formas negociadas contra agressões do meio. In MEDRADO, H. (Org.) **Violência nas escolas**. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

SILVA, Pedro. N. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VIANA, Nildo. Escola e violência. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). **Educação, cultura e sociedade**: abordagens críticas da escola. Goiania: Edições Germinal, 2002.

<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/por-ser-bonita-demais-jovem-e-vitima-de-violencia-na-escola-relembre-acoes-contr-o-bullying/> em 01/12/2014 às 22:30h.

A violência é um grande obstáculo para os/as educadores/as;

Nenhuma professora atribui a si ou a seus métodos pedagógicos a violência vivenciada pelos/as alunos/as (autocrítica).

Que sua forma verbal, física e moral se faz presente na comunidade, família e no contexto escolar;

Trata-se de uma temática complexa e a prática das professoras em sala de aula deixa a desejar como mediadora de conflitos e violência vivenciados nas observações e confrontados com as conversas das entrevistas;

Não se percebe outras ações pedagógicas e raramente há um diálogo;

Outro ponto a destacarmos é que a violência reproduzida pelas crianças se dão por fatores externos que antecedem a vida do/a aluno/a;

O/a educador/a precisa ter subsídios para trabalhar ações pedagógicas no combate a violência.